

[CONTOS E CRÔNICAS]

DORES CRÔNICAS

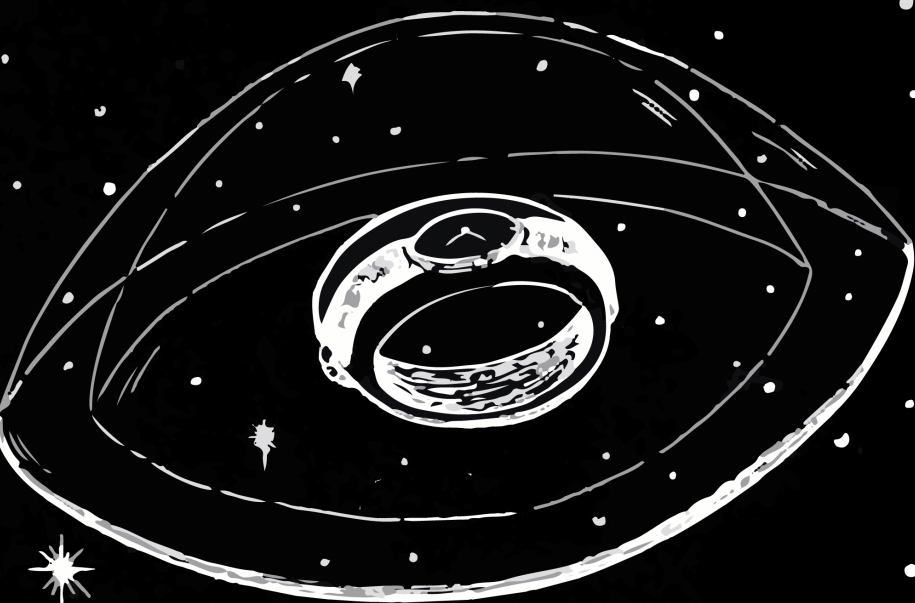
Diego Gianni

[[[]]
[OUTRAS]
PALAVRAS

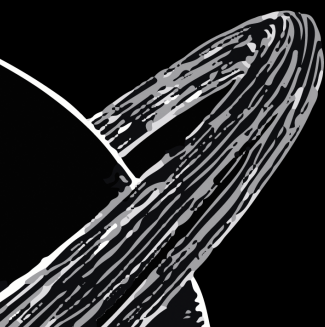
Biblioteca
Paraná 

Anadara
brasiliense

edições



DORES CRÔNICAS



ANADARA BRASILIANA EDIÇÕES

1ª Edição - Copyright© 2024

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, distribuída, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação, ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem prévia permissão por escrito do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Gianni, Diego

Dores crônicas / Diego Gianni. -- Paranaguá, PR :
Anadara Brasileira Edições, 2024.

ISBN 978-85-85063-29-0

1. Crônicas brasileiras I. Título.

24-234225

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

COORDENAÇÃO GERAL DE PROJETO:

Anadara brasileira Edições

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

Rosana Barroso Miranda

ASSISTÊNCIA EDITORIAL:

Dan Porto

REVISÃO ORTOGRÁFICA:

Aglaé Gil

DIAGRAMAÇÃO DE CAPA E MIOLO:

Yaidiris Torres

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO:

Ivana Cassuli



Diego Gianni

DORES CRÔNICAS

Anadana
brasiliiana



edições

Curitiba, 2024

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
LÍRIOS	9
MUDAS	11
BONECOS	13
MINHAS VIAGENS PARA SÃO PAULO	14
O MENINO ERRADO (OBITUÁRIO PARA ALGUÉM QUE NÃO FOI AMADO)	15
TIO BAENA	17
NO MEU TEMPO	18
PELA LUZ DOS LAMPIÕES	20
ATALHOS	22
AS MENINAS	25
SOBRE ENVELHECER	27
SENHOR HOLMES	30
A VIDA EM PARÁGRAFOS	34
AVESSO	37
JOÃO	39
SEM INSPIRAÇÃO	41
GANGORRA	45
A BONECA	51
O ATOR	53
ESTRELAS AMARELAS	55
LENÇÓIS	57
MEUS QUERIDOS FANTASMAS	59
MEUS VOTOS	61
EU NUNCA VOU ENTENDER SETEMBRO	65
NEGATIVOS	72
SOBRE O AUTOR	73

Encontro textos antigos e não me reconheço neles.

*Não mudo uma vírgula, em respeito ao que significaram.
Em muitos deles reencontro minha avó.*

*Meus tios-avós. Um ator que partiu muito cedo. Ouço
até os latidos dos cachorros que já encontraram a
"indesejada das gentes", como escreveu Bandeira.*

*Percebo que aquele antigo e pretensoso escritor, ainda
tão pueril, morreu em muitos sentidos. Fico sonhando
e pensando onde está toda essa gente enquanto
continuo aqui, escrevendo minha própria história.*

Dormem, profundamente.



APRESENTAÇÃO

Logo de cara, um aviso: não me reconheço mais em alguns textos deste livro. Muitos dos personagens descritos já faleceram e permanecem vivos nas palavras e sentimentos colocados nestas páginas. Se, em determinado momento, o leitor reflete sobre o tempo pela perspectiva de meu avô relojoeiro, em outro pode imaginar como seria Sherlock Holmes e Jack, o Estripador dividindo o quarto de um asilo. São textos leves que flertam com encontros e despedidas, como os quatro lírios que florescem e murcham em uma sacada, da noite para o dia. Eis-me aqui, a ponte frágil entre o leitor e essas dores crônicas e irreversíveis.



LÍRIOS



São quatro os lírios. Em algumas horas, escreveria "eram quatro". Ainda me surpreendo em como uma simples mudança de verbo pode falar da morte e sobre como nos sentimos com as perdas.

Quero dizer, você não deixa de amar ou gostar de algo porque este algo deixa de existir do dia pra noite. Vi os quatro lírios brancos nascerem na minha sacada e tive a infelicidade de dar nomes a eles: John, Paul, George e Ringo. Não sei como os lírios sentem o tempo. Testemunho eles murcharem vagarosamente e cogito se teriam algo a dizer sobre a efemeridade da vida.

Sonhei que conversava com eles ou eles sonharam comigo?

– Bom dia – cumprimentei pela manhã. Eles acenaram sob o patrocínio do vento. – Não pude deixar de reparar que estão murchando.

– Pois é – suspirou George. – Também notei.

– Vocês estão morrendo?

– Você também está – resmungou Paul.

– Mas não hoje – retruquei sem muita certeza.

– Vivemos o suficiente – consolou-me Ringo.

– Mesmo? Vocês nasceram há uma semana.

– Sério? – espantou-se John. – Jurava que tinham sido anos...

– Ou séculos – tossiu George. – A vida pode ser muito longa.

– Ou breve demais – profetizou John.

– Eu sinto muito – lamentei. – De verdade.

– Não seja arrogante – censurou George, paternal. – Acha que tem algum controle sobre as nossas vidas?

– Bom, – murmurei – vocês são meus lírios.

George resmungou algum palavrão. John aliviou a tensão:

– Nem tudo na vida são flores.

Ringo comentou sobre o céu sem nuvens.

– Eu sempre quis morrer num dia assim.

– Eu preferia uma tempestade – disse Paul. – Como a de ontem. Deveríamos ter partido ontem.

– Sim – concordou George. – Deveria ter sido ontem. A poesia não bate na porta duas vezes.

– Imagine um mundo onde as flores não murchassem jamais.

– Lá vem John com suas utopias – cutucou Ringo.

– Não, apenas imagine. Um mundo onde as flores fossem mais do que enfeites...

Ringo finge roncar. Fico olhando os lírios pelo silêncio que um sonho pode durar. Não sei por que, choro. Os lírios crescem e ficam do meu tamanho, mas permanecem murchos.

– Vocês tiveram uma vida feliz? – Arrisquei. Os quatro lírios “dão de ombros” (não sabia como descrever isso, me perdoem). Paul, sincero:

– Não temos a menor ideia do que está falando.

Quando acordo, minha garganta está seca. Depois de me regar, abro a sacada e ali estão três dos quatro lírios brancos, silenciosos, murchos, ainda belos, mas resignados. Quanto ao céu, nem azul demais, nem com prenúncio de tempestades.

John foi o primeiro a partir.



MUDAS



Minhas plantas nasceram mudas. E permanecem caladas. Levam uma vida vegetal.

Não na minha cabeça, é claro. Gosto de imaginar que o Manjerição e o Orégano se extasiam em discussões filosóficas intermináveis a respeito do sentido da vida. O Manjerição cita Espinoza e defende que Deus e a Natureza são dois nomes para a mesma realidade; o Orégano, por sua vez, se ampara em Hegel e tenta estabelecer relações forçadas entre a mente e a natureza. Dois teimosos! Outras vezes fico a imaginar que sou o pai das cinco plantinhas que tenho. Um pai afetuoso, porém reservado quando se trata de carinhos. Não fico mais do que dois minutos a conversar com minhas plantas; o silêncio delas me aborrece e fico sem assunto.

Tento atribuir qualidades e defeitos a cada uma delas.

A Salsinha é um doce. Uma flor. Está sempre de bem com a vida e nunca (nunca!) fala qualquer coisa de ruim.

A Pimenta é uma senhora calada e taciturna, mas de bom coração. Sabe que a vida é efêmera e um dia não adiantará mais que alguém a regue. Ela é idosa de alma e jovem no andar, tem dedo-de-moça e malagueta no olhar.

O Hortelã é azedo, por mais estranho que possa parecer. Fala mal de mim pelas costas, planta intrigas e mostra a folha do meio pra inocente Salsinha – que se imerge num pranto o qual é difícil para este pai consolar.

Dar nomes às plantas, imaginá-las deste ou daquele jeito... talvez eu tenha herdado este hábito do meu avô. Mas meu avô não dá nomes às suas plantas por humor ou devaneios. Ele faz algo muito mais bonito: dá para as plantas nomes de pessoas da nossa família que já não estão entre nós.

E é daí que a Petúnia é, na verdade, o tio Agenor; o Salsão é a Bastianinha; a Samambaia é a Ana Áurea e o Alecrim é o Adilsinho, que morreu tão novinho, na flor da idade.



BONECOS



Enquanto os humanos velam o Tom – cujo nome até hoje poucos sabiam, tampouco as dores que se escondiam atrás de seu sorriso – os bonecos comparecem ao enterro do Louro José.

Bidu, o cachorro azul de mais de 60 anos, uiva longamente para a Lua enquanto Alf chega de muito longe para prestar suas homenagens. Babar manda uma coroa de flores de seu reino. Mafalda aparece com as cores apagadas e sem a boca, pois não faz muito tempo que deixou de ter o que contar. Outros desenhos nunca mais desenhados se juntam a ela. Charlie Brown, Snoopy e o inconsolável Woodstock rodeiam o corpo do papagaio com olhares tristes e rostos abaixados. Choram, mesmo sabendo que são eternos. Se assim não fosse, o que dizer para as crianças?

Haverá um céu só para os frutos da nossa imaginação? Assim é a vida, com seu bocado farto de tristezas e alegrias. É sempre complicado quando morre um boneco.





MINHAS VIAGENS PARA SÃO PAULO

Nasci em São Paulo (capital) e vim para Curitiba aos sete anos. Estranho. Não consigo me sentir nem paulistano e nem curitibano.

Tenho um carinho nostálgico pela cidade de São Paulo. Vivi meus primeiros anos na casa dos meus avós, um sobrado na Caningás, Planalto Paulista. Na minha infância, aquela casa parecia infinita. Eu brincava de subir até o teto dos cômodos, apoiando meus braços e pernas nas portas. Subia e descia as escadas correndo. Aprendi a andar e a voar dentro daquelas paredes.

Anos mais tarde, passar as férias de verão na casa da minha vó (reparem que é sempre a vó) era o momento mais esperado do ano. Não só meu. Minha mãe, minha tia, todos nós adorávamos estar por ali. Era como se voltássemos às nossas raízes mais profundas.

Minha avó era uma tremenda chocolateira. Deixava os chocolates secando pela sala e concedia alguns para nós, pobres netos que mendigavam por aquelas guloseimas.

Agora, o meu avô mora sozinho no sobrado. Que está à venda. Um dia será a casa de estranhos. Um dia, não teremos mais motivo algum para dobrar a rua Caningás e bater palmas diante do portão. Um dia, nossas fotos não estarão mais naquelas paredes pintadas tantas vezes.

Minhas viagens cada vez mais escassas para São Paulo. Sinto-me como se tivesse caído em um vão do tempo e transistasse em um limbo de memórias mal resolvidas.

Hospedo-me na casa que tanto amo e percebo que, um dia, até mesmo os fantasmas irão se cansar de morar ali. Irão perceber, junto com todos nós, que tudo ficou para trás e o tempo é implacável, tanto para os vivos quanto para os mortos.

Nossos queridos e inesquecíveis mortos.

O MENINO ERRADO (OBITUÁRIO PARA ALGUÉM QUE NÃO FOI AMADO)

Senti pena do Tadeu, apesar de tudo. As células de seu corpo cessaram suas atividades precisamente ontem. Morreu aos 60 anos (ou próximo disso), pesando 40 quilos, cego, mutilado, largado no corredor de um precário hospital sem alma. Ninguém deu a devida atenção a ele, nos três dias em que esteve naquela maca suja. Tadeu foi uma daquelas pessoas que parecem ter nascido com uma ruindade difícil de compreender. Mas não o conheci criança, tudo o que sei são as histórias ruins sobre o Tadeu.

Histórias que sempre terminaram com um “ele sempre foi esquisito”.

Ele era o “irmão ruim”. O bom era o Adilsinho, que morreu atropelado por um ônibus, aos 14 anos. Na ocasião, Tadeu ouviu alguém dizer:

– Morreu o menino errado.

Tadeu era inteligente, talvez superdotado.

Na juventude, tinha a habilidade interessante e inútil de ler duas páginas ao mesmo tempo. Ascendeu no banco Bradesco e parou no meio do caminho, passando em um concurso público que também não o levou a nada. Era aficionado por filmes, tinha uma locadora e depois acabou com 500 fitas VHS na estante da sala. Bebia litros de *coca* por dia e não parou com o hábito nem quando a diabetes apareceu.

Abandonou a mãe doente aos cuidados do meu avô (seu tio), que cuidou dela até o fim. Tadeu era incapaz de uma palavra de carinho à mãe, que ficava visivelmente “em alerta” quando Tadeu a visitava para levar fraldas, fraldas que o

próprio Tadeu, sem nem desconfiar, um dia teria que usar. Há uma década, Tadeu deu mostras de perder o juízo de vez. Em uma de suas visitas, reparamos em duas coisas: Tadeu tinha o cheiro de quem descartara de vez o banho. E comia com as mãos, qualquer tipo de alimento.

Com a diabetes e a falta de higiene, Tadeu perdeu as duas pernas e teve que ir para um asilo, incapaz de se locomover e cuidar de si, em uma casa escura e tomada por baratas. A casa onde cresceu com a família, sem ter a companhia nem mesmo dos espíritos.

Somente o tio do Tadeu o visitava religiosamente uma vez por semana, e só fazia isso porque... bom, porque ele sempre foi assim. Minha mãe telefonava para ele com frequência e também ajudava com um pouco de dinheiro. Minha tia também o visitou algumas vezes, quando pôde estar em São Paulo. E sua ex-esposa arcava com a maior parte da mensalidade do asilo, no qual, tampouco, Tadeu conquistou a afeição de alguém. Ele era tão repugnante quanto as baratas que dividiam a casa com ele.

Tadeu enterrou o irmão. Enterrou o pai. Enterrou a mãe. Os três foram para o mesmo túmulo, mas não o Tadeu. Até mesmo seus restos mortais foram para uma gaveta distante do(s) resto(s) da família.

No domingo passado, Tadeu entrou em coma e foi parar no corredor daquele hospital. Murmurou um “me ajuda” na última visita que recebeu do tio. Aliás, em uma das visitas do tio ao asilo, Tadeu chegou a lhe perguntar:

– Tio, por que você me ajuda?

Tadeu deixa uma ex-mulher que, apesar de tudo, compadecia-se dele. Deixa um filho que não se importava com sua existência. Deixa um sobrenome que talvez seja descartado.

Apesar disso, hoje minha mãe chorava ao telefone. Chorava pelo Tadeu. Difícil é amar quem não merece.

TIO BAENA



Qual a rua mais especial que você já atravessou? Abbey Road. Wall Street. Via Dolorosa, em Jerusalém? Pra mim é a rua Caningás.

Quando eu voltava para São Paulo, sempre tinha aquela hora em que meu avô dizia: “vai na casa do tio Baena”.

Tio Baena e tia Ruth eram os vizinhos da casa branca e bonita da frente. Eram amicíssimos dos meus avós e acabaram se tornando meus padrinhos.

Serviam-me *coca-cola* enquanto conversávamos, mas eu ficava pouco à vontade nessas visitas. Tio Baena era muito diferente do meu vô. Bem mais quieto.

O que mais me lembro dele é o quanto ele era um lorde. Muito educado, muito fino. Gentil. Era assim que ele sempre me recebia, ou me levava com a tia Ruth para alguma pizzaria chique.

Quando eu era rapazote, tive aquela fase de querer ser médico. Tio Baena era médico. Conversamos sobre isso algumas vezes, mas a vida nos levou para diferentes caminhos. Eu me tornei um cara que escreve. E o tio Baena morreu. Que ousado.

Cada vez mais a rua Caningás vai se apagando. A frase “vai na casa do tio Baena” fará parte das minhas lembranças mais ternas, assim como ele. Queria tê-lo visitado mais.

Mas as ruas são assim. Indiferentes. Você é sempre livre para atravessá-las.





NO MEU TEMPO...

Meu avô navega pela internet. Não chega a ser o melhor dos surfistas, mas, justiça seja feita, ele se sai muito bem. Hoje, devo dizer. No começo aquela “maquinaria” deixava o velho italiano um tanto irritado.

- Esta porcaria não funciona!
- Qual é o problema, vô?
- A tela fica toda preta!
- Tem que ligar o monitor na tomada, vô.

Quem também já teve o privilégio de ensinar o avô ou a avó nos primeiros passos dessa grande tecnologia, sabe que é preciso ter muita paciência – por nós e por eles. O que é totalmente compreensível. Meu avô, por exemplo, nasceu em 1937. Deve dar um verdadeiro nó na cabeça de repente se ver em frente de algo que lhe permite se comunicar com o mundo inteiro e traz uma nova linguagem para dentro da sua casa. “Sites, pixels, gigas, e-mails”. Dá pra imaginar o quanto isso assusta uma pessoa que nasceu no tempo em que Hitler ainda achava que podia dominar o mundo. Aliás, se Hitler tivesse tido acesso à Internet, a coisa teria ficado preta pra todo mundo. Mas voltemos ao meu avô, o velho Gianni.

- Esta porcaria não funciona!
- O que foi agora, vô?
- Esta porcaria não abre!
- Meu avô adora a palavra “porcaria”.
- É só clicar, vô...
- Eu já cliquei! Eu já cliquei!
- Calma, vô... olha o coração.

– Meu coração funciona melhor que esta porcaria!
– Tem que clicar duas vezes pra abrir.
– E por que não me falou de uma vez?
– Eu falei, vô. Faz vinte minutos.
– Está me chamando de senil, rapazinho? – Ter avô é bom, mas dá um trabalho... Mas me permito também me imaginar na minha terceira idade. Ano 2047. Eu, lá na casa dos sessenta, ouvindo meu neto pacientemente me explicar como se usa o teletransporte.

– Eu não consigo usar esta porcaria!
– Você se esqueceu de transcodificar, vô.
– Eu já fiz isso!
– Mas se esqueceu de recarregar a válvula matriz.
– Você não me falou isso!
– Te falei há meia hora.
– Eu vou desistir desta porcaria! Era muito mais fácil no tempo em que a gente viajava de avião! Sim senhor! Com todas aquelas filas e incertezas, era muito mais fácil!

– Mas o teletransporte é muito mais prático, vô.
– Uma bela duma porcaria!
Meu neto respira fundo e me explica tudo de novo, desde o começo.

– Primeiro você encaixa o propulsor na fibra ótica. Depois que os íons já estiverem reiniciados, é só ativar o indutor, inverter a bobina e deixar o laser de transição no nível amarelo. Amarelo, ouviu bem? Não se esqueça disso, vô.

Mas a esta altura, com certeza, já estarei cochilando.





PELA LUZ DOS LAMPIÕES



Meu tataravô chegou ao Brasil em 1904, devido a um incidente. O plano do italiano era ir com a família para os Estados Unidos, mas o navio acabou desviando a rota. Naqueles tempos sombrios de tantas incertezas, parece que isso era comum.

Chegaram a São Paulo meu tataravô, a esposa e o filho de quatro anos. O italiano veio trabalhar como ourives, a mesma profissão que tinha na Itália. Foi muito bem-sucedido e, dentro de alguns anos, as coisas começaram a melhorar.

Aconteceu que um dia, ao se olhar no espelho, meu tataravô não viu mais do que uma imagem borrada. Dia após dia, ele foi perdendo a visão, até o mundo inteiro parecer ser a sombra distorcida de um sonho.

Foi então que o filho dele, meu bisavô, passou a sustentar a família, tendo apenas doze anos. Ele conseguiu emprego como aprendiz de relojoeiro. Naquele tempo, os relojoeiros eram chamados de mestres, muito respeitados no ofício que era considerado uma arte.

O menino cresceu e se tornou um exímio artista no conserto de relógios. Casou-se e teve dois filhos, um que também se tornaria relojoeiro e outro que seria um dos maiores pianistas e maestros que este país viria a conhecer, Damiano Cozzella.

O que se tornou relojoeiro é meu avô, José Gianni Cozzella, o mesmo que me conta esta história. Ele conta que o pai dele, quando vivo, contava com lágrimas nos olhos sobre os tempos em que o pai dele ia perdendo a visão.

Houve uma noite em que já era quase madrugada e o pai dele não havia retornado para casa. Toda a família estava muito preocupada, pois ele deveria ter voltado horas antes.

Já temiam o pior quando, para alívio de todos, ele entrou pela porta. Estava cansado e visivelmente abatido. O que aconteceu foi que na hora de ele voltar para casa, havia pegado o bonde errado. Quando percebeu isso, quilômetros depois, já era tarde. Ele não tinha dinheiro para pegar outra condução, pois as coisas haviam piorado muito depois que ele foi forçado a parar de trabalhar pelo mal dos olhos.

Ele teve que voltar para casa a pé, na noite de uma São Paulo que não existe mais, sem conseguir enxergar quase nada. O que o ajudou foram as luzes dos lampiões que iluminavam São Paulo naquela época. Através delas, ele foi enxergando o caminho de volta para casa, até chegar, exausto.

Meu avô me conta tudo isso e percebo que ele também está emocionado. Ele também é um mestre dessa arte, mas sabe que é o último da profissão na família. O respeito por essa arte acabou há pouco mais de uma década, como também parece ter acabado a educação das pessoas.

Eu não nasci para ser relojoeiro. Meu papel nesta vida é escrever, mesmo que aos olhos dos outros seja um papel em branco. O que posso – e vou – fazer, é escrever sobre a minha família. Se depender das minhas memórias, ninguém nunca vai morrer.

Às vezes, quando me vem uma insegurança, um medo de viver e não saber para onde ir, fecho os olhos e imagino a luz daqueles mesmos lampiões, guiando-me para um lugar melhor.

Qualquer lugar.





ATALHOS



Quando um tio distante meu morreu, todos nós da família nos reunimos na casa de meus avós. Havia tristeza, claro, mas era uma tristeza contida. Eu tinha poucas lembranças do velho homem e, com exceção da minha tia, não acho que alguém ali presente também tivesse muita coisa para recordar. Lembro que ele era simples, modesto como suas vestimentas. Nas raras ocasiões em que a família se reunia, ele preferia observar a ter que conversar sobre qualquer assunto. Não por opção, creio eu, mas por uma timidez que muitas vezes impunha o silêncio.

Minha família costumava se reunir apenas nos natais, devido ao fato de cada um ter ido para um canto. Meu tio não morreu no natal, mas era o tipo de ocasião que pedia esse encontro. “Na alegria e na tristeza”. Como um casamento.

No natal, comemorávamos um nascimento. Com meu tio, tive uma noção do vazio que a morte é capaz de deixar. Lembro que chorei, como se as lágrimas ali fossem uma espécie de ritual. Era mais um lamento, não sei. O que me assustou, já que ele era “distante”. Não queria nem pensar se fosse alguém mais próximo. Não tenho medo de assumir meu egoísmo, contanto que eu me vá antes dos que eu amo.

Lembro que minha avó passou um café para todos nós, sentados em círculo na sala, assim que voltamos do enterro, durante o qual os parentes mais próximos cantaram uma canção de que não consigo me recordar...

Minha querida avó teve um derrame um mês depois, pois “aquela” nunca vem sozinha. Achamos todos que íamos ter que passar novamente, em tão curto espaço de tempo, pelo mau gosto na boca que a morte traz. Mas não. Minha avó

sobreviveu ao primeiro derrame. Minha avó sobreviveu a um segundo derrame, anos mais tarde. Minha avó ainda está aqui.*

Quando paro e me recordo do triste ano de 98, percebo que o mal que atingiu minha avó me afetou muito mais do que a perda do meu tio. E entendo que assim são as pessoas. Durante a vida cruzamos com milhares delas e, no entanto, é possível contar nos dedos aquelas que nos marcam. Dizemos milhões de “eu te amo”, e dentre eles, apenas alguns são verdadeiros.

Morrer não é difícil. Desde o momento em que colocamos os pés nesta terra, há uma reserva feita para todos nós, sendo ela adiada por um prazo invisível aos olhos e a nossa vontade.

Curioso eu ter começado este texto falando de meu tio e depois me lembrar de minha avó. Na minha mente, tinha planejado outra coisa.

O pensamento me lembra um cão selvagem que tentamos domesticar em vão.

**Vovó nos deixou em setembro de 2015.*





AS MENINAS



Éa casa dos velhinhos, suspensa por um fio de nylon. É a imagem que me vem à cabeça, ao me lembrar da casa de meus avós.

São três, os velhinhos: meu avô (meu herói), minha avó (minha lição de vida) e a irmã de minha avó, a qual eu chamo carinhosamente de tia.

Penso que nunca encontrarei exemplo maior de contradição do que minha avó e minha tia sentadas uma em frente à outra na sala, grande pelo silêncio e vazia pela ausência.

Minha avó é tão doce quanto os chocolates que come compulsivamente. Minha tia, tão amarga quanto algumas coisas que teve que engolir na vida.

Sonhos e pesadelos tecem a vida de todos. Minha avó teve um derrame em 1998 e todos nós pensávamos que seria a despedida dela. Não foi. Ela ainda teve um segundo acidente vascular cerebral anos mais tarde, mas também resistiu. Ela ainda é parte viva da casa dos três velhinhos. Mas algo nela mudou. Ela passou a enxergar a vida de outra maneira, tornou-se uma outra pessoa – feita de sorriso e açúcar. Algo dentro dela fez com que ela se tornasse uma pessoa mais serena, como se ela soubesse que a vida é como um punhado de grão de areia que você tenta proteger no meio do mar.

Já a grande mudança na vida de minha tia aconteceu muito antes de o tempo marcá-la com rugas. Quando ela ainda era moça, perdeu seu filho mais querido. Foi então que começou a envelhecer de verdade. Ela nunca se recuperou, a tristeza passou a fazer parte de seu vestuário.

São essas as duas meninas que moram sob o mesmo teto com o meu avô. Minha avó, é claro, é sua eterna menina,

a namoradinha que conheceu aos quatro anos de idade. Minha tia passou a viver junto com eles quando perdeu o marido.

A casa dos meus avós, eu mesmo vi, é habitada por vários e vários anjos. A casa tem dois andares e quando chega a noite, um dos anjos ajuda minha tia viúva a subir para o seu quarto. Então ela deita na cama e chora até dormir, rezando para que o fio de nylon se arrebente logo e ela vá de uma vez.

Minha avó sempre sobe as escadas com a ajuda de meu avô, já que ela perdeu o movimento da perna esquerda. Eles cruzam lentamente o corredor do andar de cima e passam em frente a vários quadros com fotos de sua juventude. Meu avô sorri ao olhar para seus braços fortes em preto e branco.

Mas ele ainda está ali. Seu amor ainda está ali. E com o sorriso largo de um jovem sonhador, vejo meu avô levar com carinho sua menina para a cama.

Adormecem de mãos dadas.



SOBRE ENVELHECER



Envelhecer não é fácil.

Não estou falando da minha pessoa, apesar de eu já ter ouvido que você pode morrer jovem aos 80 ou velho aos vinte e poucos anos.

Estou passando alguns dias na casa dos meus avós e, cada vez que volto aqui percebo como eles vão tendo mais dificuldades com pequenos detalhes.

Hoje mesmo, em conversa com *mio nonno*:

- Por que está de cara fechada, vô?
- Ando me esquecendo das coisas.
- Isso passa.
- Sim. Quando a gente morre.
- Credo, vô!
- Vai se acostumando. Tudo na vida tem seu fim.
- Pois você vai viver pelo menos uns 300 anos.
- Vira essa boca pra lá! Vou querer viver tanto assim pra quê? Ninguém vive tanto tempo assim.
- As tartarugas marinhas vivem.
- As tartarugas marinhas moram na praia e não fazem porcaria nenhuma a vida inteira! Na próxima vida eu quero ser uma tartaruga marinha!
- E eu um porco, pra ter um orgasmo de trinta minutos.
- Respeite o seu avô!
- Desculpa. E não liga pra esse seu problema de memória...
- Que problema?
- ...?
- Aliás, quem é você?

Sim, não é fácil envelhecer, imagino eu. Sobre tudo quando você está no meio do jantar papeando animosamente sobre as mazelas do Coríntians e seu avô diz, de repente:

– Todos os meus amigos estão morrendo...

Eu me engasgo com um pedaço de batata e concluo em pensamento que meu avô está melancolicamente certo. Todos os seus amigos de juventude já se foram ou estão para concluir o segundo tempo. Deve ser muito triste ter cada vez menos testemunhas do seu passado.

Talvez por isso os idosos gostem de falar tanto, o que provoca a impaciência dos jovens. Sem hipocrisia, eu posso dizer que desde muito moço eu já adorava ouvir as histórias do meu avô. É como mergulhar dentro de um livro de História. E eu sei que um dia eu estarei enchendo os ouvidos do meu neto com conversas assim:

– Eu me lembro bem de onde eu estava quando aquelas torres caíram... era 11 de setembro de 2001, eu tinha acabado de acordar e...

Espero que esse meu possível neto também seja paciente.

Penso que, no fundo, a velhice é um tipo de medalha que a pessoa carrega. É como se ela dissesse: "Puxa vida! Eu cheguei até aqui. Podia ter desistido, mas estou aqui".

Só sei que deve ser muito estranho você viver sabendo que falta pouco. Não que alguém possa ter alguma certeza, mas no mínimo chega-se a uma época da vida em que você sabe que não tem mais muita dúvida. O fim está à espreita, é batata, a mesma que me fez engasgar ao ouvir o mórbido comentário de meu querido avô.

Quero concluir com uma lembrança minha...

Poucas coisas são tão impactantes quanto você olhar para uma pessoa e saber que é pela última vez; saber que a pessoa vai embora para sempre da sua vida.

Foi há alguns anos. A mãe de uns amigos nossos, uma senhora, foi para Curitiba na companhia deles passar alguns

dias com minha família. Uma senhora muito alegre e dona de um sorriso constante, mas tragicamente, também com um câncer dentro dela. Ela brincava que não há nada mais cruel para uma mulher do que ter câncer logo na língua.

Era nítido o quanto tudo era difícil para ela, mas ela não reclamava e ainda continuava a sorrir. E garanto, aquele sorriso era um estrondoso tapa na cara.

Saíamos para jogar boliche e ela ia junto. Até arriscava algumas jogadas e, para minha humilhação, jogava muito melhor do que eu.

Os dias se passaram muito rapidamente e, quando fomos levar a senhora para o aeroporto, olhei bem para ela. Lembro-me de pensar: “Por Deus! É a última vez que estou vendo ela”.

E eu sabia que era mesmo. Nós víamos aquela senhora raramente, de ano em ano, e nós sabíamos que ela já não tinha mais esse espaço de tempo.

Antes de se encaminhar para a sua plataforma de embarque, de longe ela acenou para nós mais uma vez. Vi aquele aceno quase que em câmera lenta, tentando gravar aquele gesto na minha mente.

Então ela embarcou para sempre.

Tive sensação parecida hoje. Estava andando com meu avô pela rua e cruzamos com um amigo dele, um senhor que deve ter uns 15 ou 20 anos a mais que meu avô. Trocaram abraços e piadas sobre viagra e outras coisas. Quando foram se despedir, meu avô disse para ele:

– Juízo, hein?

E ele, dando de ombros:

– Na minha idade não adianta mais ter juízo.

Dei risada do comentário, mas não pude deixar de reparar bem naquele senhor enquanto ele ia se afastando. Encontramos ele por acaso. Não iria acontecer novamente.

Eu o vi dobrar a esquina e sumir para sempre da minha vida.



SENHOR HOLMES



Aconteceu de Sherlock Holmes e Jack, o “estripador”, terminarem no mesmo asilo. Ironias da vida, Jack sabia que seu colega de quarto era o Sherlock, mas nem Sherlock nem ninguém mais sabia que aquele velhinho de olhos doces era Jack. Dividiam o beliche; Sherlock na cama de cima.

Trocaram palavras na primeira noite, tão logo os enfermeiros apagaram as luzes.

JACK (pigarreia) – Com licença.

SHERLOCK – Sim?

JACK – Soube que o senhor é uma celebridade.

SHERLOCK – Não sei do que está falando.

JACK – Ora, ora. O senhor não é o lendário Sherlock Holmes?

SHERLOCK (suspira) – Eu era.

JACK – É uma honra dormir embaixo do senhor.

SHERLOCK – Que honra há nisso? Sou um homem velho e esquecido.

JACK – Velho, sim. Esquecido? Impossível!

SHERLOCK – O senhor me superestima.

JACK – Acompanhei sua carreira de longe. O senhor foi um divisor de águas no romance policial. Pensei que estivesse morto há tempos!

SHERLOCK – Não se engane, apenas se esqueceram de me sepultar. Um lapso histórico sem precedentes. Uma anomalia à dignidade humana.

JACK – Não há dignidade em envelhecer. Quem diria que um dia nos encontraríamos nessa situação? Sempre temi por esse encontro. Agora temo apenas não alcançar o penico em tempo hábil.

SHERLOCK – Já nos conhecemos?

JACK – Nas entrelinhas, quem sabe.

SHERLOCK – Ora, ora, agora digo eu. Estou muito velho e cansado para jogos de adivinhações, meu caro. Diga-me quem é você.

JACK – Sou seu antípoda.

SHERLOCK – Fale mais alto, minha audição não ajuda.

JACK – Nem o faro, pelo jeito. Está a poucos centímetros daquilo que sempre desejou.

SHERLOCK – O amigo está me estranhando? Sou muito bem resolvido.

JACK – Não é isso.

SHERLOCK – Watson e eu éramos bons amigos.

JACK – O senhor não está compreendendo. Eu sou um caso nunca solucionado.

SHERLOCK – Deveria conversar com algum terapeuta sobre como se sente.

JACK – Sabia que existiram mais de cem suspeitos na minha captura? Eu também me transformei numa lenda. Uma lenda meio torta, é verdade. Mas que diabos! Não tive um Conan Doyle escrevendo sobre meus feitos. Quem me criou foi a própria perversidade humana, a obsessão pelo grotesco, a perpetuação do...

SHERLOCK – O senhor joga gamão?

JACK – Não.

SHERLOCK (suspira) Que pena. Espero encontrar alguém que saiba, nesta antessala da morte.

JACK – Não me fala em morte antes de dormir.

SHERLOCK – E por que não? Ela está neste quarto, entre nós dois. A desgraça dá trabalho duro e nem pensa em tirar folga.

JACK – Nós nunca iremos morrer.

SHERLOCK – Ora, ora! Estou dividindo o beliche com um imortal!

JACK – E o que acha que você é?

SHERLOCK – Um velho com lapsos de memória. Logo eu...

JACK – Já estamos com o pé na história, meu querido. Pena que eu seja o monstro. Coisas da vida.

SHERLOCK – E da morte.

JACK – E da morte.

SHERLOCK – O senhor fica divagando e ainda não me disse seu nome.

JACK – De que adianta, a esta altura do campeonato?

SHERLOCK (ri amargamente) – O que acha que eu vou fazer? Não tenho forças nem para levantar meu cachimbo. Nem força e nem pulmão.

JACK – O senhor não consegue mesmo farejar quem sou?

SHERLOCK – Com a quantidade de Vick Vaporub que tem no meu nariz? O senhor me pede muito.

JACK – Meu nome é Jack.

SHERLOCK – Tequila?

JACK – Não. Jack, o estripador.

SHERLOCK – Já ouvi esse nome...

JACK – O senhor me esqueceu?

SHERLOCK – Não leve para o lado pessoal. Não controlo mais o que esqueço. O senhor me disse há pouco que é meu antepasto?

JACK (suspira) – Antípoda. Sou sua quimera. Era, pelo jeito. Não se lembra de nada a meu respeito?

SHERLOCK – Me desculpe.

JACK – Tudo bem. Achei que ainda havia alguém obcecado por mim. Enganei-me.

SHERLOCK – Não sabe mesmo jogar gamão?

JACK – Posso aprender.

SHERLOCK – Acho que é muito tarde pra isso. Boa noite, senhor Jack.

JACK – Boa noite, senhor Holmes. Ah, e não se sinta mal por não ter me reconhecido. Não tenho rosto.

SHERLOCK – Percebi, mas não quis ser indelicado.

JACK – A vida inteira eu fui retratado como uma sombra.

SHERLOCK – E eu, como uma ideia.

JACK – Durma bem.

SHERLOCK – Você também, velho amigo.

Dormem.





A VIDA EM PARÁGRAFOS



A briu os olhos. Uma luz. Ele não vai se lembrar de Nada. Choro. O seu choro. É um hospital. Ele está no colo de uma mulher. Seu primeiro amor. Incondicional. Ele não sabe onde está. Ele tem sorte. Vai ter uma vida incrível. Ele ainda não sabe.

“Ele está andando”, comemora a família. “Que bonitinho”, diz uma tia. Ele não sabe quem é ela. Não sabe onde está. Não sabe quem é. Ele é uma graça. “Olha o aviãozinho...”.

“Quer namorar comigo?”, ele gagueja. A garotinha fica corada, tanto quanto. Ela fecha os olhos, sorri timidamente, faz que sim com a cabeça. Desajeitado, ele aproxima sua boca da dela.

Grudam os lábios, por meio segundo. Seus corações vão explodir. Bate o sinal do recreio. Ela corre para o grupinho das amigas. Ele volta assoviando para a sala. “Sou um homem”, pensa com orgulho.

“Te pego lá fora”. Foi o que ele ouviu do garoto sardento. Não se bicavam. Estranhavam-se havia tempos. A duas quadras do colégio, experimentou pela primeira vez o gosto do sangue. Decidiu não brigar com ninguém nunca mais. Mas nem por isso iria esquecer.

Ele tira o sutiã dela. Passa os dedos pelos bicos dos seios, sem jeito. Ele diz “eu te amo”, mas só porque acha que é o certo a dizer. Ela responde o mesmo. Em dois anos, irão

para a mesma faculdade. Mas ela não é a mulher da vida dele. Em breve, saberá. Sentirá. E a vida segue.

Ele ergue o braço, faz vibrar o canudo. Na plateia, sua mãe está emocionada: “Meu filho, um médico”. Ele agradece à mãe. Por tudo. Quase ao seu lado, na fileira de trás, é a vez de Glória, a Glorinha, ser chamada para receber o diploma. Eles mal se falaram durante toda a faculdade, mas manterão contato. E ela será sua esposa, coisa que ele ainda não sabe.

A sala está acesa, a luz é bem clara. Ele puxa o bebê. É a primeira vez que ele ajuda a trazer uma criança para o mundo. Ele sempre vai se lembrar disso.

“Estou grávida”, diz Glória. A notícia vem de repente e assusta, atordoa. “Vou ser pai”, ele pensa e parece que é outra pessoa no seu lugar pensando nisso, de tão incompreensível. “Vou ser pai”.

Estaciona o carro em frente ao colégio. Antes de abrir a porta, olha bem para o filho. O menino está nervoso. Preferia ficar em casa. É seu primeiro dia de escola. “Você pode contar comigo pra tudo, filho”. O menino não sorri, está amuado, não tem jeito. “Te amo, filho”. “Também te amo, pai”. Abre a porta do carro, o menino sai e vai andando sem vontade até a porta do colégio. Só quando vê que o filho entrou, dá a partida no carro. Sente um nó no estômago, uma vontade de chorar, uma alegria estranha.

“Vocês vão ser avós”, diz Bianca, esposa do filho do meio. Ele aperta a mão de Glória e sente um nó na garganta. É o primeiro neto. “Eu, avô”. E vem aquele contentamento de não saber onde está direito, de sentir-se fora do eixo. “Eu, avô”.

Faz quinze anos que se aposentou. Está regando as plantas, seu segundo passatempo predileto. O primeiro é um bom livro. Junto com um bom vinho. De mãos dadas com Glória, enquanto ela revê álbuns de fotos. Imagens que trazem alegrias e tragédias, como todo álbum tateado por mãos enrugadas. Dentre as fotos, a do filho mais velho, que partiu tão novinho num acidente de moto. “Você pode contar comigo pra tudo, filho”. Eles nunca esqueceram.

Ele anda sentindo tonturas. Com frequência. Ele está regando uma samambaia, quando sente que vai cair. Ele senta no banquinho do jardim para recuperar o fôlego. É a última vez que ele senta nesse banquinho, presente da filha caçula. Ele chama pela esposa.

Ele está no colo de uma mulher. Seu último amor. Incondicional. É um hospital. Ele não sabe onde está. Choro. O seu choro. Fechou os olhos. Uma luz. Ele não vai se lembrar de nada. Ele tem sorte. Teve uma vida incrível. Ele sabe.



AVESSO



Na noite gelada, mamãe-monstro despertou com os berros do bebê-monstro. Rastejou ela pelo assoalho rumo escadaria abaixo, colocou o corpo gosmento do filho e perguntou, cheia de comiseração:

– Que você tem, monstrinho?

– Tem uma criança em cima da minha camaaaaa! – choramingou o bebê-monstro.

– Ah, bebê! Já não conversamos sobre isso?

– Sim, mamãe.

– Ontem à noite mesmo. O que foi que a mamãe te disse?

– Que crianças não existem.

– Isso mesmo, bebê. São apenas histórias que contamos para os monstrinhos.

– Mas eu tenho medo, mamãe! Eu vivo de medo!

– Mas monstrinho, horror da minha morte... medo de quê?

– Das crianças!

– Crianças não existem, bebê. Você já está bem crescidinho.

– Eu ouvi uma criança em cima da minha cama! Eu juro! O estrado ficou tremendo! A criança estava pulando, mamãe! Juro pelo diabo!

– Bebê, não diga o nome do diabo em vão.

– Desculpa, mamãe.

– Olha só. A mamãe vai olhar se a criança está em cima da sua cama. Você quer isso? – Envergonhado, o monstrinho fez que sim com a cabeça. Mamãe-monstro olhou e, é claro que nada tinha ali, porque crianças de fato não existem.

– Está vendo, bebê? Foi só sua imaginação.
– Snif... snif... (choramingos) Mamãe, me faz um leite coalhado e azedo? Estou sem azia.

– Ai, ai. Já está tarde, meu demoniozinho.
– E será que você... snif... snif... me traz um biscoito mofado?
– Filhote, também já falamos sobre isso. Você ainda não está na idade.

– Eu já sou crescidinho...
– Mas ainda não tem nenhum dente na boca.
– E quando meus dentinhos vão nascer?
– Tenha um pouco de paciência, bebê. Lembra o que a mamãe contou sobre a fada dos dentes?

– Sim, sim! No dia em que eu matar minha primeira fada dos dentes, coloco a cabeça dela debaixo do travesseiro e no dia seguinte nasce um dentinho na minha boca.

– Isso mesmo, monstrinho feio da mamãe. Com o tempo você vai arrancar a cabeça de trinta e seis fadas do dente.

– Não vejo a hora, mamãe.
– E por falar em hora, já passou da hora de dormir. Você vai ficar mauzinho?

– Sim, mamãe.
– Então tudo bem (lambe a testa do filho). Tenha amargos pesadelos, bebê. Mamãe te odeia.

– Eu também, mamãe.
A mãe afaga os chifres do filho, morde carinhosamente um pedaço da bochecha dele, cospe para o lado e deixa o quarto. Bebê-monstro custa a pegar no sono, seus olhos abertos e vigilantes estão focados no estrado da cama.

Lá fora, de forma horripilantemente açucarada, o vento assovia *Can't Smile Without You*, de Barry Manilow. O monstro cobre os olhos com o lençol. Treme de medo e pragueja para que amanheça logo. Mas a noite não facilita.

A noite é uma criança.

JOÃO



Mesmo o canto do bem-te-vi parece triste quando sozinho. Há uma prosa malvada sobre Nosso Senhor ter sido encontrado pelos romanos por conta de um bem-te-vi cagueta, mas daí não é caso de fé, é caso de ignorância mesmo. Maldade mesmo é atribuída ao joão-de-barro, um pássaro inteirinho marrom que tem dotes de construtor – ninho bonito é com ele mesmo, embora o passarinho seja religioso e não trabalhe nem domingo e nem dia santo. Conta-se que o joão-de-barro é capaz de emparedar a parceira viva, caso desconfie de sua fidelidade... e daqui em diante, o texto perde a poesia.

– Eu não fiz nada!

– Vi você se engraçando com o Nicolau.

– Que Nicolau, João?

– Aquele bem-te-vi safado que fica rodeando o nosso poste.

– Não sei de bem-te-vi nenhum. Você precisa de ajuda, João.

– Eu não nasci ontem.

– Eu sou mãe dos seus filhos. Você não tem o direito de...

– Você é uma qualquer. Bem que me avisaram.

– João, eu vou sufocar.

– Essa é a ideia.

– Nós podemos resolver isso. Me deixar aqui presa até a morte é cruel demais. Isso é coisa de gente. Você é melhor que isso, João.

– Um passarinho me contou que você se engraçou com o Nicolau.

– Você me ofende só de pensar nisso.

– Eu não tive o trabalho de construir esta casa de barro, palha e esterco pra você me chifrar com qualquer vagabundo.

– Chega, João. Você não é um assassino. Este é o nosso ninho de amor.

– Que você transformou em uma sepultura. Adeus, Ofélia.

– João!

Ele voa para longe dela. Experimenta outros ares. Apaixona-se por outra. Esquece que um dia houve Ofélia. Nunca mais João diz um pio sobre Ofélia.

E aqui a poesia volta um bocadinho, só para o texto morrer assim, feito um passarinho.



SEM INSPIRAÇÃO



Sento na frente do computador. Preciso escrever alguma coisa. Um conto, uma crônica, um poema, o diabo a quatro. Nada vem. Minha cabeça está vazia. O som se propaga no vácuo.

Talvez algo sobre duendes...

Não, muito batido. Pior, ultrapassado. Melhor escrever alguma coisa cotidiana.

Ônibus... assaltos... duendes...

A ideia dos duendes persiste. Talvez não seja de se desprezar.

"Uma senhora está sentada no ônibus, lendo uma revista fútil. Um duende senta ao seu lado e sussurra: é um assalto!"

Sim, e depois? Nada. Nem uma ideiazinha sequer. Que final poderia dar a uma história tão babaca?

"A senhora ri e entrega um pirulito ao duende, julgando que ele é uma criança. O duende, possesso de fúria, diz que, na verdade, pertence ao regime talibã e manda o ônibus pelos ares".

Descarto de vez escrever qualquer coisa sobre duendes. Esfrego os olhos com força, preciso de novas ideias. Um poema! Por que não?

"Meu amor por você é como... é como..."

Nada. Só escrevo poesia quando estou apaixonado ou abaixo do fundo do poço. Hoje estou mais para a metade.

Estalo os dedos, uma imagem me vem à mente. Um casal, como Romeu e Julieta, mas sem as famílias rivais. O que separa os dois é o próprio acaso. Sim, sim, algo está nascendo.

"Se conheceram numa viagem de helicóptero."

Desisto do helicóptero. Não me soa muito romântico.

"Se conheceram numa viagem de barco."

Bem melhor. Mas que tipo de barco? Um bem pequeno, ou...

"Gigantesco! Portentoso! Assim é o navio em que se conheceram José e Rosa".

Os nomes me parecem bons no momento. Mas e a trama? Tem que ter uma trama!

"Estavam justamente se amando quando o navio se chocou com uma enorme rocha e..."

E droga nenhuma. Muito parecido com outra história.

O que preciso mesmo é escrever um livro. Sim, um best seller! Como começar? Talvez usando os ingredientes que já deram certo para outros escritores.

"Quando o triste e estéril professor Edward alugou o velho sobrado, não podia imaginar que acharia no porão uma arca com evangelhos apócrifos, revelando que ele é o último descendente de Cristo."

Será? Eu compraria um livro assim?

Esqueça. Sou dramaturgo, não romancista. Melhor nadar em águas que já conheço.

Cena um: o pano abre ao som de uma música, Olívio entra em cena e senta ao lado de Perpétua. Eles dialogam:

– Olívio – Oi, Perpétua.

– Perpétua – Oi, Olívio.

– Olívio – Tudo bem com você?

– Perpétua – Tudo.

Pausa.

– Olívio – Calor, né?

– Perpétua – Pois é.

– Olívio – Acho que vai chover.

– Perpétua – Quem sabe?

Ridículo. Os diálogos mais torpes já criados. É, preciso trama, trama, trama! Insisto na cena.

A campainha toca.

– Olívio – A campainha está tocando.

– Perpétua – Hummm

– Olívio – Quer que eu atenda?

– Perpétua – Hummm

Olívio vai até a porta e a abre.

– Perpétua – Quem é?

– Olívio – Pizza

Foi o melhor que me ocorreu. Por que alguém pagaria para ver uma peça como essa? Estou realmente sem inspiração. Talvez para sempre, penso, temeroso.

Não, não, não. Nego a ideia. Sou escritor, escrevo o que eu quiser na hora que eu quiser. Apelo para salvar a cena.

– Olívio – Perpétua...

– Perpétua – Sim, Olívio?

– Olívio – O entregador de pizza está me dizendo que é um duende.

Bato a cabeça na parede, preciso pegar no tranco. Muitos desistem de escrever e se matam com a falta de inspiração. Outros sucumbem por fraqueza, com a desculpa de que tudo já foi inventado. Duvido. Juro pela minha própria vida que em duas linhas consigo criar algo nunca visto na literatura:

“Foi então que ele entrou na gruta e se deparou com um ser de dezessete olhos, dois ovários, sete chifres e uma vulva”.

Sorrio. Com certeza ninguém jamais descreveu uma criatura como essa. Mas logo desanimo. Nem tudo totalmente original é bom. Decido, no desespero, recorrer aos bons e velhos clichês.

“O anjo veio para a terra com uma missão. E se conseguisse fazer uma boa ação, ganharia asas”.

Desligo o computador e vou correndo para a latrina vomitar. Deito na cama, desanimado. Talvez eu só esteja duende, ou melhor, doente. Amanhã é um novo dia para tentar escrever algo aproveitável. Fecho os olhos e tenho sonhos sacanas com a tal fada da inspiração, que sempre imagino como uma ninfeta de seios abundantes.



GANGORRA



- Sim.
- Como assim?
- Sim, ué. Você me perguntou, eu respondi. Sim.
- Aceita namorar comigo?
- Sim.
- Eu não entendo...
- O que tem pra entender, criatura?
- Até hoje eu só levei fora...
- Vai ver eram as pessoas erradas.
- Ou eu estava errado.
- Que importa? Eu aceito.
- Estou chocado!
- Está arrependido?
- Claro que não!
- Então...
- É que eu não sei o que fazer.
- Como assim?
- O que eu faço com você?
- Você namora comigo.
- E como funciona?
- Nunca namorou antes?
- Não, já disse.
- Aviso desde já que morro de ciúmes.
- Ciúmes do quê?
- Das outras mulheres.

- Mas das outras eu só levo fora.
- Você podia pelo menos sorrir.
- Estou um pouco tenso.
- Relaxa...
- Não sei lidar com o imprevisível.
- Relaxa...
- Acordei hoje pensando: vou me declarar pra Tati.
- Sei.
- Assim seria o meu dia: eu me declaro, levo um fora e saio pra tomar um porre.
- Seria triste.
- Seria como sempre foi. E agora você me diz sim.
- Exato.
- E eu não sei o que fazer!
- Me leva pra jantar.
- Tá cheio de parente lá em casa me esperando...
- Mas você também, hein? Mulher gosta de cara confiante, sabia?
- Então, por que você gosta de mim?
- Eu não gosto de você.
- Não?
- Sou apaixonada por você.
- Como se apaixonou por mim?
- Já namorei um tipo igual a você, eu curto uma repetição. Além do mais, você sempre me fez rir.
- O Gordo e o Magro me fazem rir e eu não estou apaixonado por eles.
- Você é muito confuso.
- Me acostumei tanto a levar fora que me condicionei a isso.

– Achava que você era apenas um cara tímido... mas estou vendo que você tem problemas.

– Não, não é pra tanto. Você tem razão, é só insegurança...

– É uma pena.

– Vamos jantar?

– Eu perdi...

– A fome?

– A vontade. A gente se vê por aí...

– Não, espere! O que você vai fazer amanhã?

– Tô no começo de gripe...

– Eu ligo pra você!

– Acho melhor não...

– Espera, Tati! Você já disse sim, não pode voltar atrás na decisão!

– Não, não se pode voltar no tempo. O resto pode.

– Eu te amo!

– Não faça isso.

– O quê?

– Papel de bobo.

– Sou um bobo apaixonado!

– Fez de novo...

– Volta comigo, Tati!

– Mas ainda nem namoramos!

– “Ainda”?

– Tire este sorriso do rosto. Não dá mais.

– Por que não?

– Eu fui precipitada na resposta.

– E eu fui precipitado na pergunta! Somos perfeitos um pro outro!

– Quer levantar? Um homem de joelhos, no meio da rua...

- Quer namorar comigo?
- Você já perguntou isso.
- Você disse que curte uma repetição.
- Você ouviu o que eu disse?
- Por que não ouviria?
- A maioria dos caras não ouve.
- Bem, eu não sou a maioria.
- É, você é diferente. Quer mesmo ter um relacionamento sério?
- Mais sério que encontro de papas.
- Mas papa só tem um.
- Pra você ver como a coisa é séria.
- Pois eu vou voltar atrás.
- No quê?
- Na decisão.
- Então, quer dizer...
- Sim.
- Sim de novo?
- Sim.
- Que coisa.
- E você ainda não está sorrindo.
- Me veio o pânico de novo.
- Mas você precisa trabalhar isso em você!
- Por que está nervosa?
- Ainda nem nos beijamos e já tivemos nossa primeira briga!
- É verdade...
- Aliás, por que ainda não nos beijamos?
- Não sou um desses caras.
- “Caras”?

- Caras que já chegam agarrando.
- Mas eu sou a sua namorada!
- Até um minuto atrás não era.
- Bem, então me beije agora.
- Aqui?
- Qual o problema?
- Eu estava pensando num lugar mais romântico.
- Onde?
- Algum parque, algo assim.
- A esta hora é perigoso.
- Amanhã de manhã, então?
- Combinado. Você me pega?
- Eu não tenho carro.
- Ah...
- O que foi isso?
- Isso o quê?
- A cara de decepção que você fez.
- Fiz cara nenhuma.
- Eu vi!
- Pois troque os óculos.
- Aposto que seu último namorado tinha carro.
- Tinha sim. E daí?
- E daí que você não me quer.
- Chega! Você é muito inseguro!
- Um inseguro sem carro.
- O carro não tem nada a ver.
- Aposto que seu ex-namorado...
- Meu ex-namorado era um homem muito seguro.
- E o carro dele, também tinha seguro?
- Você tá me ofendendo...

- Desculpa, Tati...
- Estou indo...
- Não, fica! Eu te beijo agora!
- Me larga.
- O que foi?
- Você parece um desses caras.
- “Caras”?
- Caras que já chegam agarrando.
- Mas você é minha namorada!
- Não sou mais.
- Quando foi que terminamos?
- Quando foi que começamos?
- Quer saber? Precisamos de um tempo!
- Também acho.
- Depois, quem sabe, nós voltamos.
- No tempo?
- Não, nós dois.
- Entendo.
- Já estou com saudades.
- É possível sentir saudades de algo que ainda não se viveu?
- Sim.



A BONECA



Era feriado quando Isaura teve a certeza. E ela só tinha treze anos.

Foi andando com lentidão para casa, de mãos dadas com o medo. Seu medo maior era do pai.

A mãe era bronca e a surrava por tudo, quem sabe com isso descarregando a chateação de ter dois empregos como doméstica e nunca sobrar dinheiro.

Mas medo de surra Isaura não tinha. O que ela não queria era decepcionar o pai, o melhor homem que ela conhecia.

Seu pai era pedreiro e trabalhava de domingo a domingo, uma vida inteira de sacrifícios. Costumava brincar que já havia feito faculdade, ou pelo menos as paredes dela. E tinha grandes sonhos para Isaura, sua paixão. Na falta de luxos, mimava a filha com sentimentos. Queria que a filha fosse alguém, que nunca tivesse que passar por tudo o que ele e a mulher haviam passado. Faltavam duas quadras para Isaura chegar em casa. O mundo que seu pai havia criado para ela logo iria desmoronar.

Sentou-se num murinho na esquina. Um homem de meia-idade passou e olhou para os seios dela que ainda estavam se formando. Depois levantou os olhos e seguiu naturalmente, cumprimentando duas senhoras.

Já estava anoitecendo, não podia mais adiar. Entrou em casa, a mãe passava roupas na sala. — Isso é hora de chegar, Isaura? Na tua idade eu já trabalhava, não ficava namorando.

Isaura nunca respondia para a mãe. Ainda guardava em seu corpo a marca da última vez que fez isso. Já o pai, nem sequer alguma vez já levantara a voz. Iria fazer isso pela primeira vez.

– Pai? Eu fiz uma coisa errada.

Ele passou a mão na cabeça da filha. Era sua maneira tímida de dizer que ela podia contar com ele para tudo.

– Pode falar, meu anjo.

Isaura não era um anjo. Havião contado para ela certa vez que anjos não tinham sexo. E como só os anjos não mentem, Isaura foi para o quarto sem dizer nada para o pai. A vida de Isaura já não era a mesma, e nesta nova vida ela veria a mentira ir crescendo dentro dela.

O pai bateu à porta.

– Tem certeza de que está bem, querida?

Isaura sorriu tristemente. Olhou bem para o seu pai, desejou que o tempo parasse.

Ele se aproximou, acanhado como sempre, trazendo um embrulho de jornal nas mãos. – É só uma lembrança.

A última coisa que Isaura queria era receber um presente. A surra da mãe a teria agradado mais. Desembrulhou o jornal, dentro havia uma boneca de pano.

– Feliz dia das crianças.

O pai saiu do quarto e Isaura guardou com cuidado a boneca dentro de uma gaveta. Faria dela um presente em nove meses.

Foi para a janela do quarto espiar a rua, esperando mais a esperança do que qualquer outra coisa.



O ATOR



Final de tarde. É hora de se preparar em todos os sentidos e ir para o teatro. Ele decide ir caminhando. Isso o ajuda a se concentrar.

É domingo de chuva e a perspectiva de uma grande plateia não é boa. Mas ele nem pensa nisso. Ele é grande.

Chega ao teatro no horário marcado e percebe que, como sempre, ainda ninguém do elenco chegou. Sem dar importância a coisas pequenas, ele vai para o espelho se maquiar, já pensando no próprio personagem. Seu espírito está melancólico, mas a peça é uma comédia e ele sabe que a plateia não tem nada a ver com seus problemas.

De pouco em pouco, os outros atores vão chegando. Apenas alguns o cumprimentam, pois assim como ele, também desprezam os egocêntricos e os fofoqueiros.

Mas eles estão lá, dividindo o mesmo camarim. Reúnem-se em rodinhas e, em vez de aquecer a voz, preferem usar o tempo para destrinchar vidas alheias e inventar novas maneiras de destruir a própria peça da qual fazem parte. São atores suicidas, eternos figurantes também da vida real.

A peça começará em poucos minutos. O grande ator, alheio aos burburinhos do camarim, já tem o personagem dentro de si.

O pano abre. A peça anda sem ritmo, a plateia está morta. Não demora para alguns atores começarem a sair do texto e se desrespeitarem em cena. Alguns da plateia conseguem notar a tensão que existe entre eles.

Apenas o grande ator permanece dentro de seu papel, não querendo roubar a cena de ninguém. Aliás, nem é preciso.

Os olhos da plateia estão voltados para ele. Só por ele a plateia se diverte, e os invejosos em cena se revoltam mais ainda.

A peça termina e os aplausos são mera convenção. Não adianta apenas um ou dois atores fazerem o que é certo. Com exceção do nascer e da morte, de resto ninguém faz nada sozinho.

O grande ator está tão triste que deixa o teatro sem remover a maquiagem. É noite e as pessoas pela rua não percebem suas lágrimas desenhando algo pelo rosto. Duas nuvens se cruzam diante da Lua e ele se lembra das cortinas do teatro se fechando. Quem sabe quando será a última vez? Mas amanhã é um novo dia.



ESTRELAS AMARELAS



Foi como um sonho estranho... vocês tinham que ter visto!

Todo mundo estava lá, caminhando. Até mesmo aquela senhora chata da loja de sapatos da esquina. Até ela andava com a gente.

Eu não entendia aquelas caras feias. Juro que não entendia. Nós éramos tantos, o que podia dar errado?

E as estrelas! É do que mais me lembro desses dias! Todos nós carregávamos estrelas nos braços, estrelas amarelas. Papai me dizia que aquele era o meu amuleto da sorte. E parecia mesmo ser um dia de muita sorte.

Eu estava cansada de tanto andar e papai me pegou no colo. Ficou olhando para os lados, com medo. É, dava pra ver que ele estava com muito medo, mas eu não sabia bem do quê. Na hora eu pensei que era porque eu tinha que ser uma menina corajosa. Havia outras crianças lá, acho que tão curiosas como eu. Eu tinha muitas perguntas, mas papai me mandava ficar em silêncio.

Mas então, por que aqueles homens não paravam de berrar? Eles, os homens sem estrelas. No lugar das estrelas, havia aranhas.

Aranhas pretas.

Eu jamais trocaria uma estrela por uma aranha. Quem faria uma tolice dessas?

Não tive muito tempo pra pensar. Chegamos nos trens e eu dei um riso de alegria, porque nunca tinha andado num trem antes.

Papai me apertou no peito, como se alguém fosse me roubar. E me roubaram mesmo, apesar de parecer mentira. Fui colocada no mesmo vagão que mamãe. Isso me aborreceu, pois com todo o respeito, mamãe sempre foi uma resmungona das mais chatas.

O trem era mágico, só podia ser. Não tinha como caber todas aquelas estrelas num espaço tão pequeno. Mas coube! Juro que coube!

E depois de muito tempo, nem sei quanto, nós chegamos a um lugar cheio daqueles homens que carregavam aranhas nos ombros.

Eu vi papai saindo do vagão e corri até ele, mas um homem me empurrou para o chão e gritou comigo. Eu chorei e ele gritou mais ainda, mandou que eu fosse tomar um banho junto com os outros.

Eu achava que, depois disso, ele ia me deixar ver papai.

Fui para o chuveiro com outras crianças e muita gente velha. Foi estranho quando trancaram a porta.

Não havia água! Acredita nisso?

Lembro que sumi no meio da fumaça e fui subindo cada vez mais, voando sem direção. Olhei para baixo e vi papai trabalhando. Quanto orgulho eu tinha dele!

Vim parar no meio das nuvens, eu e um montão de outras estrelas amarelas. Ainda não sei como, mas aqui estou eu. Continuamos caminhando, mas acho que agora para um lugar melhor. Deve ser. Não vi mais o medo nos olhos de ninguém.

“Minha estrela”.

Era assim que papai me chamava. A vida é mesmo muito engraçada.



LENÇÓIS



A credito piamente em fantasmas. Você tropeça
Anelos enquanto caminha traçando fios de solidão
pela sua casa.

Eles não têm rosto. Lençóis os cobrem por inteiro e, por
mais suaves que pareçam, suas mãos são fracas demais para
tocar neles.

Você nem sequer consegue vê-los. Mas eles estão lá.
Todos. Eles são o que você não é. São tudo o que você não fez.

Há lençóis pequenos. Movem-se desajeitados e seus
choros incomodam. Você também não pode ver, mas fica claro
que são crianças. Filhos, talvez.

Aqueles que não nasceram porque você não teve cora-
gem de contar a alguém sobre seus sentimentos. Ou filhos
que nunca nascerão porque você nunca vai mudar e o medo
será sempre uma constante na sua vida.

Em torno de uma mesa empoeirada, há mais lençóis
sobre cadeiras vazias. Você os ouve rindo, uma risada se
sobrepõe às outras. Poderiam ser seus amigos. Mas não são.
Nem vão ser.

Você se lembra das crianças, então respira fundo e con-
tinua vagando mergulhado na escuridão. Você procura por
aquela pessoa. A vida já lhe ensinou que o maior erro que se
pode cometer é jogar a responsabilidade da sua felicidade
nos ombros de alguém, mas não tem jeito. Você é assim. A
maioria é assim.

É o lençol que irá cobrir você naquelas noites em que a
sua dor é tão gelada, que faz com que você faça uma prece
para derreter como flocos de neve e se perder para sempre na
madrugada. O lençol que suavizará seu peito, cada vez mais

áspero. É o que você mais busca. O lençol não tem nem rosto nem cheiro definido, mas é a única coisa que pode salvar você.

Quando você já nem acreditava, surge na sua frente. A pessoa. O alguém a quem você chamará de amor. Mas como todo o resto, por causa da sua covardia, voa para longe quando você tenta encostar. Você chora e se pergunta por que não pode simplesmente ser feliz.

Suas lágrimas silenciam. Há uma respiração suave perto da sua boca. Você se questiona se existe alguém que também não consegue ver você. Se também há um lençol sobre a sua cabeça. Se você é o sonho de alguém.

Mas você não quer pensar muito, no momento. Seus olhos ainda espiam pela janela, onde uma ventania que só nasce do coração dos poetas desenha entre as nuvens o lençol dos seus sonhos.

Em silêncio, você assiste a tudo se perder no horizonte.



MEUS QUERIDOS FANTASMAS



Abro minha caixa de e-mails: "sua encomenda está a caminho".

Sorrio, depois de muito tempo. Coloco minha máscara e vou para a calçada. São apenas alguns passos, mas sinto o coração acelerar. É um dia nublado, como muitas das minhas lembranças. O furgão amarelo dobra a esquina e estaciona na minha frente. Eu ainda sorrio, acho. O estranho de máscara amarela pega uma caixa do tamanho de uma criança e coloca aos meus pés. Eu assino o que ele quiser. E volto para minha toca.

Pego uma faca e abro a caixa com cuidado. Não quero machucá-lo. Seu rosto é como me lembro? Arranco as fitas adesivas que revestem o papelão grosso. Corto meu dedo e digo algo impublicável. Uma gota solitária de sangue mancha a caixa provisória do novo hóspede. Foi uma longa viagem para que ele chegasse até aqui. É a vida, terá que esperar um pouco mais. Vou até o banheiro e seguro um papel sobre o dedo. Olho para o espelho e vou longe por um breve instante. Eu era um menino inseguro que odiava o próprio rosto. Era um mundo sem máscaras.

Volto e abro a caixa. Por baixo de centenas de filetes de jornal com fragmentos de notícias que não servem mais, finalmente vejo seu rosto. Nós éramos amigos na minha infância, mas não lembro o que aconteceu entre nós. Eu o abraço. Só então me lembro de que ele pode estar infectado. Limpo bem o boneco com um pano e o levo para um lugar de destaque na estante, onde moram meus outros fantasmas.

Pesquiso mais tarde onde posso encontrar um forte apache. É onde pretendo me esconder por um tempo; não ligo em ser um índio ou um cowboy. Luto para resgatar alguns

pedaços do mundo de antes, embora eu saiba que as pessoas que perdi não irão descer de um furgão amarelo em frente à minha casa.

Deito e fico olhando para o teto. Lá fora, o mundo volta cada vez mais ao normal. Sem que eu me sinta normal. Tenho medo. Acho que nem tudo deveria voltar a ser o que era.

Tento dormir. Na estante, o recém-chegado parece olhar para mim. Viro o rosto, fugindo do meu presente.



MEUS VOTOS



O que você fará mais tarde? Eu estava pensando em tomar um café...

Foi mais ou menos essa pergunta que eu fiz um dia a você, na época da faculdade.

– *Vamos ver algum filme?*

Qual filme? Não importava muito. Não era o filme que me interessava, porque a história que estava acontecendo ali, na tela, não podia ser mudada.

Você me interessava. Primeiro, como alguém que eu admirava muito. Admirava a sua inteligência. A sua beleza. A sua profundidade. A sua alegria. A sua luz.

Mas demorei pra me aproximar. Admirava você a distância, como fazemos olhando para as estrelas à noite.

Não é tão simples chegar perto de uma estrela. É preciso estar disposto a mudar tudo o que você conhece sobre o tempo e o espaço.

Foi em 10 de dezembro de 2011 que pedi você em namoro e você disse “sim”, mas foi antes disso que eu soube que tudo iria mudar.

Quando começamos a nos olhar de outra forma, eu enxerguei o dia de hoje. Eu não sabia a data exata, mas enxerguei este momento. Não é possível acertar cada detalhe, mas aqui estamos nós, a alguns minutos de darmos o nosso terceiro “sim”.

O dia de hoje nunca mais será o mesmo em nossos calendários. Nada pode mudar o dia de hoje. É um filme que vamos rever infinitas vezes em nossas lembranças. Nós vamos rever as fotografias, assistir aos vídeos, desejando só por um pouquinho voltar no tempo e repetir este dia.

Mas... os dias não se repetem.

Lembro quando fizemos um mês de namoro e comemoramos muito. Dois meses, comemoramos mais ainda. Três meses, começamos a desconfiar de que tudo estava indo bem demais, tinha que ter alguma coisa errada, histórias de amor não combinavam com nós dois. Quatro meses. Cinco. Seis meses. contei isso para o meu avô por telefone: "Vô, hoje a Ana eu fazemos seis meses de namoro". E o meu avô disse, brincando, algo que levei muito a sério. Ele me disse: "pare de contar o tempo".

Eu sou de uma família de relojoeiros, e meu avô é um dos melhores que existem no mundo.

Se o melhor relojoeiro do mundo diz para você parar de contar o tempo, você tem que obedecer.

A maneira como nós contamos o tempo é uma ilusão. Tudo o que o tempo vem me mostrando é que a vida sem você seria um desperdício. Eu não preciso viajar para o futuro para ter qualquer tipo de certeza, nem de que vamos estar juntos enquanto vivermos, nem de como seria o vazio de viver sem você.

Nós usamos as palavras para tentar dar sentido às coisas.

Se você consultar no dicionário o que é o tempo, verá que o tempo é "a duração relativa das coisas que cria no ser humano a ideia de presente, passado e futuro".

Se você perguntar a um físico o que é o tempo, talvez ele responda que o tempo é "uma grandeza física que permite medir a duração ou a separação das coisas mutáveis".

Se você perguntar a um filósofo, quem sabe ele diga que "o tempo é como recebemos as informações através dos sentidos".

Mas... o que mais me interessa é o que o poeta pode dizer sobre o tempo. Um poeta talvez responda: "o tempo é a insônia da eternidade".

Algumas coisas só ganham sentido com a poesia. É pela mesma razão que você existe.

Ana, você dá sentido à minha vida. Você é a melhor pessoa do mundo. Então, eu vou perguntar de novo: – O que você fará mais tarde?

Eu estava pensando em tomar um café e em ficarmos juntos para sempre.

31/08/2019





80

79

78

77

76

75

74

73

72

EU NUNCA VOU ENTENDER SETEMBRO



Domingo, 13 de setembro de 2015

Dois dias antes, há 14 anos, as Torres Gêmeas caíram. Uma tragédia distante de nós, lamentável, mas indolor. Então, perto das 22 horas, meu celular toca. Olho para a tela e vejo um nome amigável, porém terrível: “Ronaldo”.

Amo meu padrasto por “ene” motivos, mas até então só havíamos conversado pelo celular em dois momentos na vida. Um, quando minha mãe sofreu uma convulsão, há pouco mais de dois anos. Eu estava no trabalho e fui correndo até o hospital em que ela estava. Corri como o *Forrest Gump*, como o papa-léguas, como o típico filho que cogita se defenestrar quando a mãe não estiver mais aqui.

A outra ligação foi nesse domingo do dia 13. Algumas horas antes, minha mãe me ligou e comentou, com desânimo:

– A vovó tá indo pro hospital.

Normal. Ela ia para o hospital com frequência cada vez maior nos últimos tempos. Vovó teve três acidentes vasculares cerebrais nos últimos 17 anos. Três.

O primeiro foi em 98, quando nenhum de nós sequer conhecia a palavra “derrame”. Do nada, do dia pra noite, ouvi meu tio falar às irmãs:

– Molhei um algodãozinho e passei nos lábios dela. Ela estava com sede.

Tudo muito irreal, assustadoramente incerto. Da minha parte, eu não sabia que alguns destinos podem ser ou parecer mais trágicos que a morte. Ao menos foi o que senti,

quando comecei a entender o que um derrame pode fazer com uma pessoa.

Felizmente, vovó teve algo melhor para ensinar a todos nós.

Em 17 anos, ninguém a ouviu reclamar da vida. Pode ter reclamado de muitas coisas, como ser privada de algum doce; ou então da vira-*latinha* (Kit) que ela tinha e às vezes, oportunamente, se esquecia de que seu lugar era no quintal. Mas da vida, vovó nunca reclamou. Se o fez, foi em pensamento. E acho pouco provável.

Dois anos depois, depois de todo o esforço para conseguir andar com a bengala (tendo perdido os movimentos do lado esquerdo do corpo), de conseguir se comunicar com as poucas palavras que restaram e de recuperar, enfim, alguma qualidade de vida, vovó teve o segundo derrame.

Pensamos que era “a hora” dela, a única hora que uma família com relojoeiros procura adiar pelo tempo que for possível. A derradeira hora.

Nessa ocasião, vovó precisou fazer uma drenagem no crânio. Lembro-me do “pessoal de branco” atravessando o corredor com a vovó na maca após o procedimento cirúrgico. Ela carequinha e meu avô chorando pela primeira vez na minha frente.

Vovó sobreviveu.

De volta à fisioterapia. À nutricionista. À psicóloga. De volta ao ponto zero, mais uma vez.

Vovó não reclamou.

Quem não teve a chance de conhecê-la, pode até dizer equivocadamente: “e por acaso a pessoa tem escolha?”.

Desistir é uma escolha. Sobreviver por 17 anos é um tapa na cara do inevitável.

O terceiro derrame, em 2012, foi o que mais a debilitou. Foi quando a comida perdeu o gosto e ela deixou de sentir o sabor das coisas. Ainda assim, não da vida.

Tivemos mais três natais. E o natal era ela. Era a vovó. Sempre foi.

A família Cozzella foi presenteada com o que há de mais precioso para os relojoeiros: o tempo. Mais muitos anos com ela entre nós, estocando chocolates no verdadeiro mercado negro que montou em seu armário. Com ela feliz da vida com as idas ao supermercado, empurrando o carrinho passo a passo, comprando aquilo que era possível para os filhos e netos (meias e desodorantes, principalmente). Sempre que um de nós ia a São Paulo, voltava com a mala cheia de pacotes embrulhados em papel vermelho (sempre) e o nome da pessoa escrito pela própria mão da vovó. Esse era o maior presente.

Ainda não usei o último desodorante que ela me mandou de São Paulo e que recebi horas antes de meu celular tocar no domingo à noite.

– Oi, Ronaldo.

Então ele falou as palavras. Usou provavelmente o melhor eufemismo que existe para esse tipo de situação.

– A sua vó se foi.

A sua vó se foi.

A sua vó se foi.

A sua vó se foi.

A sua vó se foi.

A sua vó se foi.

A sua vó se foi.

A sua vó se foi.

A sua vó se foi.

A sua vó se foi.

A sua vó se foi.

A sua vó se foi.

Em qualquer outra situação, quando ela teve os derrames ou passou mal, a primeira pergunta que vinha à cabeça de cada um da família geralmente era:

– E agora?

Com a morte, não há *e agora*. Não há. É o fim das negociações. É como aquele aviso no portão do inferno descrito por Dante Alighieri: “deixai toda esperança, ó vós que entraís”.

E agora?

E agora, nada.

(...)

Corri para o apartamento de minha mãe. Achei que ia encontrá-la aos prantos, como nas três vezes que vovó teve um AVC. Mas nada me assustou mais do que ver minha mãe sem chorar, sentada no sofá, olhando para o vazio.

– Mãe – toquei o ombro dela. – Você sabe o que aconteceu?

– Sei. – E seu olhar permaneceu vazio. – A minha mãe *se foi*.

Minha tia já estava na estrada em direção a São Paulo. Chorando muito. Meu tio já por lá, ao lado do meu avô. Ambos chorando. Cada um reage de um jeito.

Minha mãe tomou um remédio e se deitou no sofá. Eu fui pro quarto dela. Vi um porta-retratos com a foto de vovó. Daí eu chorei.

(...)

Meu avô permanece forte. Ele disse a todos nós que vovó partiu na hora certa, em paz. Sem dor.

É estranho pensar que no domingo em que ela morreu, horas antes ela estava em casa assistindo a um jogo do São Paulo com o vovô. Ela já estava bem fraquinha, é claro. Um dia antes, teve que ser levada ao hospital. Pressão alta. Nesse domingo, ela praticamente não conseguiu comer. Pelo que sei, sua última refeição foi meio pãozinho doce.

Então, ela começou a ficar inquieta, fazendo movimentos repetitivos. Meu avô e tio Marcos a levaram para o hospital.

Eu não queria, mas fico imaginando ela saindo da casa pela última vez, vivendo cada coisa pela última vez, sem saber que era a última vez.

De que vale pensar em coisas tristes? Vovô e ela se conheciam há mais de 70 anos. Companheiros de uma vida inteira e completa. Ele acredita que ela foi no tempo certo. Quem somos nós para duvidar?

Ela saiu do carro pela última vez.

Ficaram abraçados, no quarto do hospital. Vovó continuou inquieta. As enfermeiras e quem mais estava por perto se emocionaram.

Ela olhou pra ele pela última vez.

Deitaram vovó numa maca e a tiraram do quarto. Então, vovô ouviu uma "gritaria", como nos descreveu mais tarde. Gritaria e o som de *algo mais*. Ele correu. Estavam tentando reanimar a vovó com a "maquininha do choque".

Mas vovó já tinha ido embora. (...)

Vovó foi cremada, o que, de certa forma, é mais reconfortante para esta família claustrofóbica. Ainda assim, é muito doído.

É preciso fé neste mundo. Eu, que não a tenho, preciso acreditar que a vida é muito mais do que isso. Porque o corpo, aquele corpo que você próprio testemunha se deteriorar, o corpo que você luta para manter vivo mesmo tendo três derrames, o corpo que um dia já foi jovem e provocante, o corpo que luta, que sangra, que salta, que dorme, que beija, que sua, que ama, este vira cinza em dez minutos.

Há poucos dias, vovó estava aqui.

E agora?

E agora aceita. E agora se conforma. E agora segue.

(...)

Há muito mais a dizer sobre ela, e eu sou apenas um dos netos. Há também a visão dos filhos, do marido, dos pais e da irmã, que já se foram.

Quantas vidas vivemos em uma só? Em quantas pessoas nos transformamos?

Sei que vovó já trabalhou como datilógrafa, quando era mocinha. E que um dia sonhou em ser aeromoça, mas desconheço a intensidade desse sonho. Tinha mão para fazer doces e adorava novelas.

De uma coisa temos certeza: quando jovens, ela e vovô sonharam em, um dia, ter uma família feliz. Ela viveu pra ver isso.

Vovó foi muita amada. Muito. Eu sei que cada um de nós irá se lembrar dela para sempre, enquanto houver vida. E depois... talvez o silêncio, como o imortal Shakespeare disse pelos lábios de Hamlet.

O cientista Carl Sagan escreveu algo como: "se não houvesse mais vida pelo universo, seria um tremendo desperdício de espaço". Pego carona nesse pensamento do memorável cientista e digo: se a vida que conhecemos acabasse em cinzas, seria um tremendo desperdício de existência.

Não sei se a vida continua, mas incertamente ela persiste.

(...)

O último filme a que assisti com ela e vovô foi Cine Paradiso. Estou me lembrando de algo que vovô comentou após o filme, pois penso que isso se encaixa para este final que não desejo ser triste:

– Naquele tempo, quando uma pessoa ia pra longe, se duvidar você nunca mais a veria.

A vovó foi pra longe. Não dá mais pra ligar pra ela e ouvir ela se despedir com os clássicos três beijos.

Beijo, beijo, beijo.

Nem a ouvir falar “eta nós” ou “Ave Maria!”. Nem se alegrar em qualquer supermercado ou sentir, pelo menos no momento, alguma vontade de celebrar o natal. Sim, é verdade. Em alguns filmes antigos, se a pessoa ia embora, você nunca mais a via. Mas quero acreditar que ela apenas voltou para casa e espera por nós em um lugar melhor que ofereça, além de uma boa xícara de café, algum sentido para esta vida feita de encontros e desencontros.

Vovó fez mais do que sobreviver. Ela viveu.

E agora, vamos ter que aprender a viver sem ela.





NEGATIVOS



Meu avô está no céu, mas por menos de uma hora. Veio fazer exames em Curitiba. José tem 84 anos e ainda trabalha em sua relojoaria.

José é viúvo.

José vive sozinho no sobrado, desde 2015. O sobrado da Caningás. Aquele fio de *nylon* se rompeu.

O médico é só às dez. Antes nos sentamos à mesa e vemos fotos. Da última vez que veio, vovô deu uma caixa de negativos para minha mãe e disse que estavam perdidos no sobrado. Mamãe revelou, e é por isso que nos sentamos à mesa e viajamos no tempo antes do cardiologista.

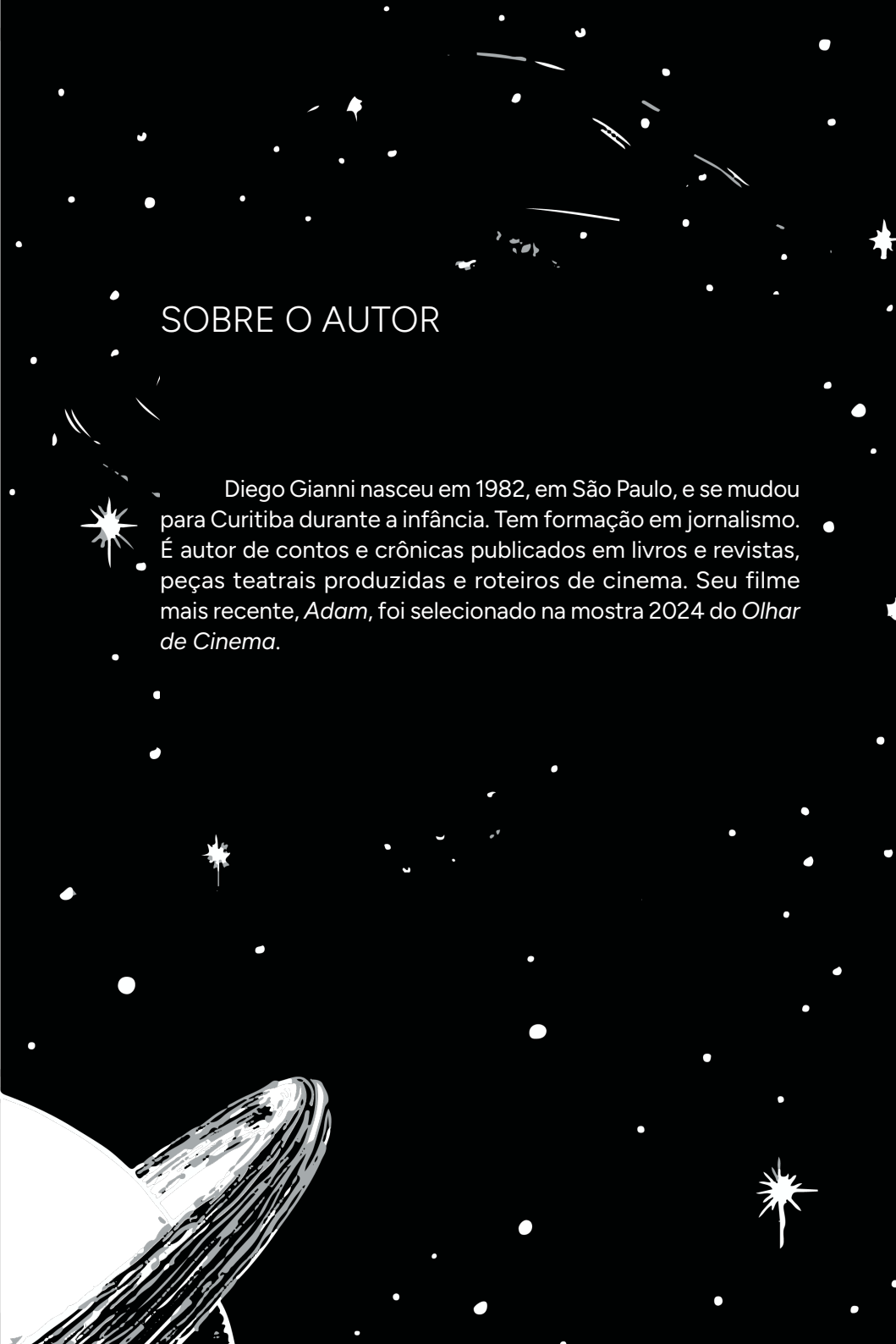
Revemos tantos rostos nas fotografias. Cada um deles sorri, com a vida inteira pela frente. Vovô passa o dedo por uma foto dele e da vovó na praia. “Minha fofinha”, ele diz com os olhos cheios d’água.

Fico olhando encantado para ele. Não para a foto. Não para o texto. Para ele. Tenho quase 40 anos e ainda tenho um avô comigo, no presente, apesar de que ele tem se queixado cada vez mais de cansaço.

Sentamos à mesa e vemos as fotos. O médico é só às dez. Ele irá dizer se o nosso querido relojoeiro terá que colocar mais uma engrenagem no peito.

E agora, José?



The background is a deep black space filled with numerous white stars of varying sizes and brightness. Some stars have long, thin white trails, suggesting motion or a comet's path. In the bottom left corner, a portion of a white, ringed planet is visible, with its rings extending diagonally across the frame.

SOBRE O AUTOR

Diego Gianni nasceu em 1982, em São Paulo, e se mudou para Curitiba durante a infância. Tem formação em jornalismo. É autor de contos e crônicas publicados em livros e revistas, peças teatrais produzidas e roteiros de cinema. Seu filme mais recente, *Adam*, foi selecionado na mostra 2024 do *Olhar de Cinema*.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO COM TIPOGRAFIA FIGTREE,
NO FORMATO 14X21 CM E IMPRESSO EM PAPEL AVENA 80G
PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA - GOVERNO DO PARANÁ, COM
RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA - GOVERNO FEDERAL

SINOPSE

Dores crônicas compila textos escritos em outros tempos. Ninguém perguntou, mas já no começo o autor diz não mais se reconhecer em alguns deles. Há personagens mortos que permanecem vivos e imóveis apenas aqui, nestas crônicas. E como elas doem.

O AUTOR

Diego Gianni é autor de contos e crônicas, publicados em livros e revistas, peças teatrais e roteiros de cinema. Seu filme mais recente, *Adam*, foi selecionado na mostra 2024 do *Festival Olhar de Cinema*.

ISBN: 978-85-85063-29-0

